

A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: NECESSIDADE E PERSPECTIVAS

Marcio Luis Marangon¹
Claudir Miguel Zuchi²

RESUMO: O presente trabalho é o relatório final do Plano de Trabalho do Bolsista “O Professor de Filosofia na Educação Básica: Construindo Experiências do Filosofar” desenvolvido pelo bolsista Marcio Luis Marangon, que está inserido no projeto de extensão elaborado e desenvolvido pelo orientador Claudir Miguel Zuchi, que se intitula “A Formação do Docente de Filosofia na Educação Básica: Necessidade e Perspectivas”, que pretendeu oportunizar um espaço de formação docente e de prática pedagógica, tendo em vista as necessidades e perspectivas do estudo e ensino da Filosofia na educação escolar, segundo os parâmetros suscitados a partir do parecer 38/06 do CNE e pela portaria 322/07 do CEEEd/RS - que instituem a obrigatoriedade da filosofia no Ensino Médio. O texto vem relatar os resultados obtidos durante um ano de projeto que iniciou no mês de Agosto de 2008 e encerrou no mês de Julho de 2009, tendo como local as dependências da URI (Campus de Frederico Westphalen), que trouxe como problema principal o paradigma sobre “o que ensinar” e “como ensinar” a filosofia nas escolas, e buscou possibilitar a interação entre educandos (acadêmicos) e educadores, convidados para relatar suas experiências de trabalho a cada encontro.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Formação.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho: “A formação do Docente de Filosofia na Educação Básica: Necessidades e Perspectivas”, tendo em vista o parecer 38/06 do CNE (Conselho nacional de Educação) e da portaria 322/07 do CEEEd/RS (Conselho Estadual da Educação do Rio Grande do Sul) que institui novamente a Filosofia como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Médio, trouxe como problema principal o paradigma sobre “o que ensinar” e “como ensinar” filosofia nas escolas e teve por objetivo proporcionar espaço de formação, leitura e reflexão de textos e temáticas filosóficas de forma a subsidiar o ensino de filosofia, para professores e acadêmicos da área de licenciatura, estudando textos de filósofos de diferentes períodos

¹ Graduado em Filosofia.

² Coordenador do Curso de Filosofia e professor da URI – Campus de Frederico Westphalen.

históricos e de autores atuais que refletem sobre a educação do ser humano e suas relações sociais, priorizando a capacidade reflexiva para corrigir desvirtuamentos e, ao mesmo tempo, oportunizando um espaço de formação docente e de prática pedagógica, tendo em vista as necessidades e perspectivas do estudo e ensino da Filosofia na educação escolar.

Os materiais apontados pelo cronograma do projeto, com o intuito de construir um referencial teórico capaz de contemplar elementos teóricos e metodológicos, surgiram da análise dos parâmetros exigidos pelas diretrizes estipuladas pelo Ministério da Educação e Cultura, para o ministrar da filosofia no Ensino Médio.

REFERENCIAL TEÓRICO

O MEC em seu livro *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* dirá que “a Filosofia é teoria, visão crítica, trabalho do conceito, devendo ser preservada como tal e não como um somatório de ideias que o estudante deva decorar”, sendo desta forma desejável e prazerosa a utilização de dinâmicas de grupo, com certo cuidado para não substituir com tais recursos ‘os textos específicos de Filosofia’, pois é neles que os educandos terão suporte para a reflexão filosófica.

Portanto, o educador que se disponibilizar a transmitir o conhecimento de filosofia aos educandos deve saber despertar neles o gosto pelo pensamento inovador, pelo pensamento crítico, mas sem descuidar de ensinar-lhes o gosto pelo pensamento que servirá de base para todo esse processo e para um processo contínuo que extrapola os limites da sala de aula. O educando deve aprender a entender a gostar da filosofia, sempre compreendendo sua importância. Além disso ressalta que devemos reconhecer a importância da formação contínua dos docentes de Filosofia no Ensino Médio, bem como devemos reconhecer o esforço coletivo de reflexão e de produção de novos materiais, assegurando tratamento disciplinar e contextualizado para os conhecimentos de Filosofia.

A relação entre filosofia e educação na história

Se voltarmos à educação primitiva, as crianças aprendiam para a vida e por meio da vida, sem que alguém estivesse especialmente destinado para a tarefa de ensinar: a educação era difusa, integral e universal, todos participavam, tinham acesso, e ela abrangia todo o conhecimento da tribo, assim, a criança desenvolvia aguda percepção do mundo e aperfeiçoava suas habilidades através da prática do dia a dia. Mas já na educação Grega, de

onde tem origem o termo da palavra pedagogo (*paidagogos*), nome dado aos escravos que conduziam as crianças à escola, o homem livre, peregrino em busca da inteligência crítica, preocupado em pensar, e formar os juízos acerca da sua realidade, não aceitando submeter-se ao destino, mas querendo sim influenciar e ser agente de transformação, ser cidadão, revolucionou a visão educação. A educação se tornou *paidéia*, educação integral, sendo elo de ligação entre culturas, entre artes, entre conhecimentos, inspirando até mesmo a educação romana, que somou a todo esse processo a disciplina da análise dos pensamentos já construídos a fim de formar homens mais cultos e livres.

Assim, chegamos na Idade Média com a educação em seu estágio de máxima expansão. Nessa época, a educação começa a se colocar na sociedade como algo fundamental para a evolução social. Não em vão que a Idade Média produziu a escolástica, onde a educação ajudava o educando a desenvolver todas as suas potencialidades.

A educação renascentista inaugurou um outro marco: a remuneração para os educadores. Estes visavam à formação do homem burguês, onde o verdadeiro caminho deveria ser criado pelo homem, com o cuidado pelo seu corpo, pela sua vida, enquanto ser inteligente e livre. A aprendizagem começou a voltar-se ao pensamento do futuro, e os educadores passaram a ter importante influência nessa formação, e a ganhar respeito pelo papel que desenvolviam na sociedade que se voltava para o futuro, para o progresso.

Contudo, tamanha importância não passou em branco pela ambição humana que eclodiu a partir daí. A educação que antes era o símbolo da liberdade se tornou obrigatória, pública, e enquanto permitia que a natureza desabrochasse de forma livre, em alguns, gerava a aceitação de duras realidades em outros. Era o Iluminismo - berço da Idade Moderna - que surgia com força. E embora os educadores tivessem um papel excelente nesse tempo, sua degradação estava por começar.

Na Idade Moderna, difundiu-se a crença do poder da escola como fator de progresso, modernização. A escola, usada antes na formação do homem, começou a ser conduzida pelas exigências do desenvolvimento industrial e do processo de urbanização. A mesma máquina que o educador ajudou a criar através do homem que ensinou a utilizar o conhecimento, desvalorizou a educação. A concorrência sobressaiu-se ao valor da vida, e o que era pra se transformar em libertação do espírito individual, tornou-se o mais puro canibalismo social.

O educador, antes exaltado pela sua capacidade de construir cidadãos, homens capazes de pensar o futuro, tornou-se perigoso na sociedade da concorrência. Somente as grandes empresas precisam de homens concorrentes no mercado de trabalho, o chamado “exército de

reservas”, e estes não podem pensar, pois, pensando podem entender sua situação e revoltar-se contra ela.

Quanto à educação do séc. XXI: utilitarista, imediatista, exatista, classificatória e manipuladora são alguns dos adjetivos que melhor classificam a nova educação, segundo educadores e educandos da área da filosofia, que analisaram a educação a partir de suas experiências.

Segundo Marangon (SILVA, MARANGON, ROSA, 2009), o educador já não é mais o único transmissor de conhecimento, ou de informação. O acesso à Internet remete os educandos, até de forma mais dinâmica, para o mundo de informações que chegam a todo o momento.

Os desafios da filosofia

O autor Hengemuhle (2007) vai dizer que um dos grandes problemas na questão do ensinar é a falta de conhecimento e relação entre o que se ensina e o que é vivenciado: “A falta de conhecimento da origem desses conhecimentos impossibilita a sua significação na contemporaneidade. Isso porque o professor não consegue fazer a “ponte” entre o remoto e o próximo” (p. 97). Assim sendo, se já é difícil para o educador contextualizar o pensamento, mais difícil ainda será para o educando.

O que é mister entender é que “a referência dos teóricos, somada às nossas vivências profissionais na educação, indicam que nada acontece por acaso, e que, para algo ser significativo no presente, é preciso conhecer sua origem, sua história, o contexto em que surgiu” (HENGEMUHLE, 2007, p. 96), ou seja, o conhecimento não cai do céu, ou de outro planeta, nem nos é enviado por e-mail.

O ponto a se ressaltar é que, em uma época de educação tecnicista, o que se faz é ensinar e não educar, excluindo potencialidades e liberdades em prol do mercado de trabalho. Muito se espera do retorno da filosofia às salas de aula, até pelo reconhecimento da arte do pensar bem, do retorno ao princípio, à arte da reconstrução, porém, fechar a filosofia somente no ponto de “salvar” repertório pedagógico no que diz respeito ao senso crítico e ao resgate “humano” do educando, é tentar fazer da filosofia mais uma disciplina tecnicista.

A filosofia é o porto de onde embarcam os indivíduos para o mar de conhecimento. Pode ser base para outras disciplinas, pode ser base para a construção humana-afetiva dos indivíduos, mas somente faz isso através da liberdade. O indivíduo precisa estar livre pra

construir sua utopia (u-topos = negação da realidade), e não disponível para aceitar mais uma ideologia equivocada.

A educação hoje, se faz “imediatista” no que se refere ao pensar e ao ensinar, contribuindo para um canibalismo social, onde os próprios pais enviam “alunos clientes” que vêm para receber a receita do consumismo e do *status quo*, e assim, se equivalerem a seus pais já consumidores no mundo e do mundo moderno. Constitui-se “antiga”, dando respostas velhas a perguntas novas, e se torna “exatista”, excluindo a percepção e importância das diversidades culturais, construindo “indivíduos máquinas”, prontos para assumir um lugar pré-determinado na sociedade.

Essa constatação não é das mais animadoras, entretanto, por outro, traz um ponto de esperança, pois a análise já parte dos próprios educadores, e de futuros educadores, que almejam uma educação melhor e mais dinâmica, que possa utilizar-se da transdisciplinariedade para ganhar mais significação, com docentes mais preparados, capazes de resgatar o prazer do educando em “aprender a aprender”, e constituir uma escola mais humanizante, berço da formação crítica.

Surge então, uma alternativa para atingir a “escola que se quer”, a formação continua do professor, que o ajude a aprender a aprender o educando chegando assim à construção em conjunto do conhecimento, tendo como parâmetro a realidade local (relação teoria/prática) e a participação da comunidade, podendo assim, construir políticas públicas favoráveis à renovação da educação, tendo como exemplo a educação ministrada por Aristóteles e Platão.

Para Aristóteles, a grande diferença do homem em relação aos outros seres vivos é a parte intelectual da alma. A capacidade de pensar, de ter autonomia, de reinventar as coisas após descobri-las. Mas só as descobre tendo contato com elas, saindo da caverna, visualizando a realidade.

A partir disso, o texto de Aranha (apud KOHAN, 2004), “Relato de uma experiência” firma-se como norte de nosso projeto e entendimento. É daqui que partimos para o “chão de fábrica” da construção da filosofia para a escola do futuro. “O que ensinar” e “como ensinar”, é o grande “X” da questão no momento em que a filosofia encontra todo um contexto propício para se encaminhar a seu futuro. É desses dois pontos que precisamos partir ao encontro do espaço que a filosofia precisa encontrar. E quem deve aprender? Ora, devem aprender todos aqueles que estão esperando ansiosamente para saborear o conhecimento, e mais ainda, aqueles que estão de lado, fingindo não ser seu espaço e seu interesse. Talvez esses últimos mais que os primeiros.

Até porque, como menciona Chauí (2005, p. 18), “como se pode notar, nossa vida cotidiana é toda feita de crenças silenciosas, da aceitação tácita de evidências que nunca questionamos porque nos parecem naturais, óbvias”. Cremos em tudo aquilo que nos é transmitido, e carecemos de uma atitude própria da filosofia, que é a decisão de não aceitar como óbvias e evidentes as situações de nossa existência cotidiana, não ao menos até investir e compreender aquilo que queremos.

O que não se percebe, é que essa busca por aquilo que é prático, que é instantâneo, nos encaminha para a colonização do mundo da vida. A crescente instrumentalização, existente na modernidade, reserva o debate normativo aos técnicos e especialistas, manipulados pelo sistema capitalista e seus desejos, negando procedimentos especiais para conhecer fatos, relações entre teoria e prática, e entre o acúmulo de saberes: negam enfim, a filosofia.

A ideia central de Habermas propõe uma participação mais ativa e igualitária de todos os cidadãos naquilo que os envolve, é o agir comunicativo, a autorreflexão da espécie humana, cuja história natural vai dando conta dos níveis de racionalidade que a mesma necessita. Enquanto a ação comunicativa, a comunicação livre, racional e crítica, ficar "aprisionada" pela lógica instrumental, dificilmente teremos vínculos da democracia.

A Filosofia e suas finalidades

A Filosofia com sua finalidade de ensinar-nos as virtudes, princípios do bem-viver, que estudando as paixões e os vícios humanos, a liberdade e a vontade, e analisando a capacidade de nossa razão para impor limites aos nossos desejos e paixões, nos ensinará viver com outros seres humanos. A filosofia sendo atitude crítica é, portanto, um dizer não ao senso comum, um interrogar a tudo, inclusive a nós mesmos e a nossas atitudes, é a indagação, a reflexão, o pensamento sistemático.

Contudo, para focalizar esse processo até a educação, é preciso perguntar sobre a preparação do educador: se o educador não está convencido sobre a importância da filosofia, dificilmente ele conseguirá demonstrar essa importância aos demais. O papel fundamental do educador é ser elo entre a autorreflexão individual e a educação social, ambas são aspectos práticos da emancipação social e humana.

A educação, através de nossos educadores, deve servir de ponto de partida para alavancar alternativas para uma melhor convivência, e não servir de suporte para modelos econômicos exploradores que privilegiam alguns de classes e clãs escolhidos. Se o mundo é de todos, deve servir também a todos. O espírito competitivo e conflitivo é fruto dos vícios da

arrogância e da soberba, e leva o homem para a decadência. O caminho da humanidade é o justo meio, uma busca para encontrar um ponto intermediário entre os extremos.

METODOLOGIA

Tínhamos por objetivo principal proporcionar um espaço de formação, de leitura e de reflexão de textos e temáticas filosóficas, focalizando subsidiar o ensino de filosofia na Educação Básica, através do diálogo e da interação entre mestres e acadêmicos de Filosofia e áreas afins, que estivessem desafiados em ministrar a Filosofia nas salas de aula.

Seguindo o cronograma encerramos no mês de junho de 2009, completando os oito encontros com os participantes, um por mês, mais 01 (um) ano de desenvolvimento do Plano de Trabalho do Bolsista, sendo que em cada mês foi trabalhado um tema, e em com esses temas conseguimos visualizar a Filosofia em sua parte pedagógica sempre norteados pelas questões: “o que ensinar” e “como ensinar”.

No decorrer do processo, reconhecemos barreiras a enfrentar e nos desafiando a superá-las, construindo aquilo que chamamos de “pedagogia do confronto”, onde confrontamos nossos objetivos, com as realidades vigentes e as possíveis soluções. Os temas foram previamente enviados por intermédio de uma rede de e-mails, criada no início, nos primeiros encontros, onde os participantes tiveram a possibilidade de estudá-los em casa e aprimorá-los nos encontros. Assim, chegamos a um estágio do projeto onde a experiência vivida transformou-se em experiência compreendida através do diálogo permanente entre os educadores e os educandos, fazendo com que as necessidades fossem superadas e suscitando perspectivas novas para o ensino da Filosofia.

Ao finalizarmos o projeto com um encontro organizado pelos participantes, envolvendo vários cursos da comunidade acadêmica e pessoas da comunidade em geral, expondo novas maneiras de se trabalhar e pensar a Filosofia, tanto na sala de aula, como na comunidade, demonstramos à comunidade da URI que nosso projeto realmente atingiu seus objetivos, e nos sentimos orgulhosos de mostrar na prática nossos resultados com a apresentação de subsídios elaborados nos momentos formativos, revivendo a eterna busca, iniciada há vários séculos, em prol de uma educação que possa desenvolver as potencialidades dos educandos e dar à sociedade indivíduos com uma formação mais crítica e eficaz.

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Tendo como local as dependências da URI (Campus de Frederico Westphalen), onde possibilitou-se a interação entre educandos (acadêmicos) e educadores visando o desenvolvimento das atividades, desenvolvemos um total de 08 (oito) encontros, completando um ano do Plano do Bolsista “A Formação Do Docente De Filosofia Na Educação Básica: Necessidade E Perspectivas”, conforme projetado no cronograma, com um total de 16 (dezesesseis) integrantes diretos, sendo eles 07 (sete) professores e 09 (nove) acadêmicos, somando a eles, professores convidados para relatar suas experiências de trabalho a cada encontro.

O projeto foi finalizado com um encontro organizado pelos participantes do mesmo, envolvendo vários cursos da comunidade acadêmica e pessoas da comunidade em geral, onde foi exposto, a partir daquilo que foi construído no decorrer do projeto, novas maneiras de se trabalhar e pensar a Filosofia, tanto na sala de aula, como na comunidade.

Já estamos levantando parcerias para abranger mais educadores e inserindo os participantes deste encontro em espaços onde eles possam colocar em prática as reflexões construídas. Esperamos que dessas participações possamos ter material didático para distribuir para professores dessa região, bem como, teremos, após a publicação das duas obras envolvendo participantes do projeto, um espaço nos municípios de abrangência, para trabalharmos com professores de outras áreas - conforme já foi efetuado o contato de parceria com a 20ª Coordenadoria Regional da Educação (CRE) e com as Secretarias Municipais da Educação (SME) – através de correspondências, algumas já com resposta positiva.

Nossa ideia é continuar o trabalho como Projeto de Extensão. Temos convites para continuar o trabalho através de novos grupos de estudo que gostariam de trabalhar com temas habituais do cotidiano, voltado especialmente para o público jovem e adolescente, bem como, trabalhar o material já construído, com educadores das escolas onde trabalham os participantes do projeto.

Para finalizar, os subsídios feitos a partir da experiência do filosofar a cada encontro, além de nos trazer alguns aprendizados que se somaram aos que já tínhamos, demonstrou-se de suma importância para os educadores que ministram a filosofia no seu dia a dia, o materiais trabalhados foram todos impressos e distribuídos, para que os participantes tenham, além de suas anotações, além das ideias criadas, um material didático para facilitar o arquivamento e estudo constante, bem como o uso que já esta sendo efetivado nas salas de aula.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos no final deste trabalho, pensamos que conseguimos atingir objetivo principal que era proporcionar um espaço de formação, de leitura e de reflexão de textos e temáticas filosóficas focalizando subsidiar o ensino de filosofia na Educação Básica, através do diálogo e da interação entre mestres e acadêmicos de Filosofia e áreas afins, que estivessem desafiados em ministrar a Filosofia nas salas de aula.

No decorrer do processo, reconhecemos barreiras a enfrentar e nos desafiando a superá-las, construindo aquilo que chamamos de “pedagogia do confronto”. Onde confrontamos nossos objetivos, com as realidades vigentes e as possíveis soluções. Os temas foram previamente enviados por intermédio de uma rede de e-mails, criada no início, nos primeiros encontros, onde os participantes tiveram a possibilidade de estudá-los em casa e aprimorá-los nos encontros. Assim, chegamos a um estágio do projeto onde a experiência vivida transformou-se em experiência compreendida através do diálogo permanente entre os educadores e os educandos, fazendo com que as necessidades fossem superadas e suscitando perspectivas novas para o ensino da Filosofia.

Ao finalizarmos o projeto com um encontro organizado pelos participantes, envolvendo vários cursos da comunidade acadêmica e pessoas da comunidade em geral, expondo novas maneiras de se trabalhar e pensar a Filosofia, tanto na sala de aula, como na comunidade, demonstramos à comunidade da URI que nosso projeto realmente atingiu seus objetivos, e nos sentimos orgulhosos de mostrar na prática nossos resultados com a apresentação de subsídios elaborados nos momentos formativos, que além de terem sido apresentados, serão publicados no Jornal Diálogo Filosófico, instrumento de comunicação do Curso de Filosofia URI-FW que será enviado às escolas.

Afinal, nosso trabalho pode contemplar muito mais do que fizemos até aqui, e estamos confiantes disso, assim como todos aqueles professores que nos convidaram a entender nosso projeto a outras regiões.

E, para finalizar, anunciamos que de nosso projeto de Extensão, teremos duas obras, uma já publicada, com membros do projeto junto com o Curso de Filosofia da URI – Campus de Frederico Westphalen intitulada “Estudos Filosóficos: Articulações entre Filosofia, Ciência e Educação”, e outra, que estará sendo publicada em breve, já estando aprovada pela comissão editorial da URI – FW e que se encontra na gráfica, produzida por três integrantes do projeto, intitulada “Caminhos da Educação: Realidades e Perspectivas”.

Esperamos ter conseguido demonstrar que nosso projeto conseguiu alcançar seu objetivo, e já semeia novas alternativas para uma educação melhor, e queremos dizer que vamos firmes sempre encontrando “o que ensinar” e “como ensinar”.

PHILOSOPHY IN BASIC EDUCATION: NEEDS AND PROSPECTS

ABSTRACT: The present work is the final report of the Scientific Initiation Research “The Philosophy Teacher in Basic Education: Building Philosophical Experiences” developed by the scientific initiation grantee Márcio Luis Marangon, who is inserted in the extension project elaborated and developed under the supervision of Prof. MsC. Claudir Miguel Zuchi, entitled “The Philosophy Teacher Formation in the Basic Education: NeedZ and Perspectives”. This project intends to provide a place for educational formation and pedagogic practice, considering the needs and perspectives of the study and teaching of the Philosophy in school education, according to the parameters raised in the 38/06 report of CNE and in the 322/07 administrative rule of the CEEEd/RS, that institute the obligation of philosophy teaching at schools. The work presents the results of a year of a project that began in August 2008 and finished in July 2009, at URI, Frederico Westphalen Campus. The project had as its main problem the paradigm “what to teach and how to teach philosophy at schools?”, and looked for making possible the interaction among students and educators, whot were invited to talk about their work experiences in the meetings.

Keywords: Philosophy. Education. Formation.

REFERÊNCIAS

ARISTOTELES. **Política**. Brasília: UnB, 1985.

BRASIL. **Ciências humanas e suas tecnologias**. Secretaria de Educação Básica. Orientações curriculares para o ensino médio, v. 3. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CHAUÍ, M. **Filosofia**: ensino médio. Volume único: livro para análise do professor. São Paulo: Ática, 2005. (Série Brasil).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

GALLO, S.; KOHAN, W. O. (Orgs). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HABERMAS, J. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HENGEMÜHLE, A. **Formação de professores: da função de ensinar ao resgate da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KOHAN, W. (Org.). **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

MATOS, J. C. **Em toda a parte e em nenhum lugar: a formação pedagógica do professor de filosofia**. Campinas, SP: [s.n.], 1999.

PAIVA, Vanildo de. **Filosofia: encantamento e caminho. Introdução ao exercício do filosofar**. São Paulo, SP: Paulus, 2002.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Fundação Gulbenkian, 1996.

REALE, G. **História da filosofia: Antiguidade e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 1990.

ROUSSEAU, J. J. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SILVA, H. A. da; MARANGON, M. L.; ROSA, Rudinei da. **Caminhos da educação: realidades e perspectivas**. Frederico Westphalen: URI, 2009.

VIDOR, A. **A gênese da Alienação Psicológica e a Ontopsicologia**. Frederico Westphalen, RS: URI, 1996.